



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Pedro Henrique Duarte da Silva

**RITMO E POESIA: COMPREENDENDO O RAP ENQUANTO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS**

Rio de Janeiro

2016

Pedro Henrique Duarte da Silva

**RITMO E POESIA: COMPREENDENDO O RAP ENQUANTO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS**

**Projeto de monografia apresentado à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio –
Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como
requisito parcial para aprovação no Curso
Técnico em Análises Clínicas**

Orientador(a): Flávio Henrique Marcolino da
Paixão.

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer meu orientador Flávio, por ter me acompanhado nessa caminhada e ajudado durante todo o percurso. Agradeço também todas as ideias trocadas seja sobre a monografia ou qualquer outra coisa da vida, a admiração que tenho por ele é gigante, pois seus ensinamentos ficam pra vida e não só no estudo.

Gostaria de agradecer meus pais por todos os momentos em que precisei deles e me ajudaram, por todas as lições, todos os avisos, todo o carinho, tudo, só tenho a agradecer a eles. Agradecer minha mãe por ter demonstrado ser uma amiga muito confiável, por ter me passado a experiência de escrita de uma monografia e por ser uma mulher muito focada em seus trabalhos, certamente um exemplo pra mim. Agradecer meu pai, por ser meu amigo, meu irmão, por ouvir sempre minhas opiniões e rebater quando é necessário, por todas as discussões, por todos os momentos que me ouviu falar sobre a pesquisa e por toda a preocupação e atenção ao processo.

Gostaria de agradecer meus amigos e minhas amigas, que sempre estiveram presentes do meu lado nos momentos de alegria e nos momentos de tristeza, me auxiliando, me motivando, mostrando que era possível. Sem eles e elas eu não teria conseguido.

Agradeço a minha professora Valéria, que sempre se mostrou muito atenciosa quando eu lhe pedia ajuda. Ao meu professor Murilo, por toda a atenção. Ao meu professor Felipe, por ter se mostrado um amigo e por todas as conversas.

Gostaria também de agradecer à minha companheira Joana, por toda a motivação que a mim foi dada, por todos os toques de que eu não estava fazendo o que deveria fazer, por toda a ajuda que foi feita a minha pessoa, seja na pesquisa, seja na vida, tenho apenas a agradecer por ter essa mulher ao meu lado nessa caminhada.

*“Esse é o rap, é o rap, é o rap eu me expresso
Muito mais que moda é manifesto
Sente o dom, é cruel, dos irmão, Deus do céu
Pra travar se pá o ‘click pléu!’ ”*

Criolo e Terra Preta – Rap é forte

RESUMO: O rap é um gênero musical que atua em diversas áreas da sociedade através do movimento hip-hop, o qual ele integra. Este estudo tem como objetivo compreender como o rap possui a capacidade de ensinar, inspirar e dar suporte a diversas pessoas, principalmente as da periferia que dentro da sociedade integram lugares menos privilegiados que o restante. Para isso busca-se primeiro entender o contexto histórico anterior ao surgimento do hip-hop e entender como surgiu o movimento e sua historicidade ao longo dos anos. Ressalta-se também o movimento no Brasil, que através do rap se firmou na sociedade influenciando a vida de diversos indivíduos. A partir do resgate histórico, o rap é contextualizado dentro da cultura hip hop, expondo como é o seu impacto nas pessoas e as formas com que ele pode ser utilizado dentro da sociedade. A finalidade do trabalho é compreender como o rap pode ser uma ferramenta fomentadora do senso crítico, nesse sentido é exposta a relação entre o gênero e a educação, suas ações coletivas e o modo como suas letras são abordadas para que a formação pensamento crítico seja evidenciada nas pessoas.

Palavras-chave: hip-hop, rap, cultura, pensamento crítico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I	9
CAPÍTULO II	18
CAPÍTULO III.....	23
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS.....	32
ANEXO.....	34

INTRODUÇÃO

O gênero musical RAP (Rhythm and Poetry/Ritmo e Poesia) atualmente vem conquistando um grande público na sociedade brasileira e mundial. Os rappers ou MC's (Mestre de cerimônia), que são os criadores desse conteúdo, começam a ser tratados como verdadeiros ídolos por uma legião de fãs, inspirando e influenciando inúmeros jovens no modo de falar, na vestimenta, personalidade, estilo de vida, dentre outras coisas. Essa influência por diversas vezes demonstra possuir também seus lados negativos, que podem ser explicados pelo fato do rap e sua origem não serem muito bem entendidos pelo público ouvinte, como por exemplo a relação/indução ao consumo de drogas e à crimes em uma vertente conhecida como *gangsta rap*.

É de extrema importância entender que o rap não é algo que existe sozinho, ele integra um movimento que o originou e esse possui muito mais amplitude, o movimento cultural conhecido como Hip-Hop. Segundo Tavares (2010), o hip hop é um fenômeno cultural que engloba estéticas artísticas, dentre elas o break, o grafite, o DJ (Disc Jockey) e o rap que pode ser relacionado ao MC. Para Tavares essas manifestações estéticas foram difundidas de forma heterogênea tendo o rap como o mais difundido dentre os quatro elementos que compõe a cultura Hip-Hop, que obteve seu surgimento a partir de diversos acontecimentos na sociedade estadunidense.

O rap tornou-se uma potência musical de grande influência ao público desde seu surgimento abordando questões sociais como por exemplo a desigualdade, sobretudo com os negros e moradores na periferia, através do Movimento Cultural Hip-Hop. O movimento apesar de mostrar 5 diferentes elementos, sendo o quinto a consciência, teve o desenvolvimento deles de forma individual, principalmente no caso do rap, que na mídia internacional e nacional é o que têm chamado mais a atenção do público através de suas letras. O local no qual o gênero está inserido mostra bastante influência na escrita, por esse motivo pode-se encontrar estilos diferentes de rap. Um bom exemplo de diferença é como ele é feito no Rio de Janeiro e em São Paulo, porém essa diferença não se encontra apenas em cidades, elas também se mostram nos bairros e localidades específicas. Isso mostra uma realidade inserida no gênero atualmente, onde as abordagens no rap feito na periferia de uma cidade se mostra diferente de um outro criado por moradores de classe média-alta.

As letras provenientes de autores que vieram das comunidades possuem temas com questões de âmbito social que se mostram cada vez mais fortes e focadas em apresentar a realidade na qual a periferia está inserida. Por isso estudar o rap dentro da conjuntura do Hip-Hop se mostra importante para a compreensão da realidade de uma classe social que atualmente tem vivido tempos difíceis, já que ele desde os primórdios possuía a característica de luta por direitos, reconhecimento na sociedade, igualdade social, combate ao racismo, entre outras. Nessa linha de raciocínio, antes de compreender o Rap resolvi trabalhar o movimento desde sua criação em seu local de origem e também seu surgimento no Brasil. Identificarei sua capacidade de influenciar o público a se sensibilizar diante dos assuntos abordados nas músicas e ações coletivas, de questionar e impactar a sociedade e também a possibilidade de criar novos indivíduos com pensamento crítico acerca dos valores e deveres que cercam a vida dos cidadãos e cidadãs.

CAPÍTULO I

Hip Hop – História do Movimento

1.1 Contexto histórico anterior

Estudos sobre o processo de construção cultural das américas, ao longo dos últimos quinhentos anos, atribuem à forte influência do escravo africano no desenrolar de inúmeras manifestações culturais e religiosas (SOUZA, 2010). Nesse sentido, observa-se que a história na qual o Estados Unidos está inserido possui uma grande influência nos fatos que vão se desenrolando com o passar dos anos, principalmente os que se ligam ao período em que a escravidão era praticada no país.

O período escravista contribuiu de inúmeras formas para a construção de uma sociedade racista e desigual. Apesar da liberdade conquistada, os negros foram obrigados a carregar uma herança histórica que implica diretamente na vivência e nos setores da comunidade na qual eles estavam inseridos. Esse legado racista em que o próprio Estado estava participando colaborou para uma separação da população negra da branca, que começou a integrar os mesmos espaços, sendo denominados de guetos.

Segundo Wacquant (2008) o gueto é um setor urbano restrito, onde se encontra a periferia estadunidense bastante degradada. O lugar representa a intensa segregação sofrida por um certo grupo, ou seja, os excluídos da sociedade e do apoio do Estado. Esses espaços sofrem dificuldades de acesso às políticas públicas e sofrem uma marginalização por parte do Estado, o que aumenta os índices de criminalidade e a penalização da população pertencente a esses locais.

Gente pobre, com empregos mal remunerados, baixa escolaridade, pele escura. Jovens pelas ruas, desocupados, abandonaram a escola por não verem o porquê de aprender sobre democracia e liberdade se vivem apanhando da polícia e sendo discriminados no mercado de trabalho. Ruas sujas e abandonadas, poucos espaços para o lazer.
(PIMENTEL, 1997)

Juntamente com a exclusão social e demográfica existente um verdadeiro Apartheid Estadunidense, semelhante ao Sul Africano, corroborava para o preconceito e a desigualdade social da população negra. A segregação era muito bem observada nos ônibus, onde negros

deveriam sentar em lugares separados dos brancos, e nas escolas públicas, que eram denominadas para “pessoas de cor”, diferenciando-as das que eram integradas pelos brancos, nos banheiros e até os bebedouros (PIMENTEL, 1997).

A desigualdade existente naquele tempo ao mesmo tempo que coloca aquela população numa situação de opressão também realizava uma certa união daquele grupo, que isolados do restante da sociedade enxergavam muitas semelhanças nos indivíduos próximos, gerando uma certa coletividade naquele local, fortalecendo os laços para assim enfrentar o racismo e a discriminação. Portanto uma autodefesa começa a existir a partir do reconhecimento e empoderamento daquilo que o Estado e parte da sociedade condenava: a cor da pele. Nesse sentido, a autoafirmação da cor, e o orgulho sentido, contribuíram para que aquela classe social estagnada nos guetos acordasse e questionasse o lugar que lhes fora atribuído, surgindo assim diversos grupos que combatiam a segregação e a discriminação daquele povo.

Para eliminar a segregação, muitos grupos de negros se organizavam nos EUA. Cada organização defendia uma estratégia. Malcolm X e Martin Luther King foram os líderes que mais se destacaram e durante um certo tempo representaram as duas alternativas opostas para os negros americanos na luta por seus direitos. (PIMENTEL, 1997).

Martin Luther King Jr. nascido no dia 15 de janeiro de 1929, em Atlanta, filho de pastor e também pastor (batista) foi um ativista político que desempenhou grande papel da luta por direitos civis. Motivado pelos ideais de Mahatma Gandhi, ele era adepto a “resistência pacífica”, pregando as ideias de amor ao próximo, paz e igualdade em suas manifestações. King Jr. não só desempenhou papel fundamental no Movimento por Direitos Civis como também participou de campanhas e protestos mostrando-se contra a Guerra no Vietnã e lutava contra a desigualdade e a pobreza de uma maneira geral. Segundo Souza (2010), dentre os protestos organizados por King estavam a luta pelo direito ao voto para a população negra e direitos básicos. O pastor entrou para a história em 1963 ao liderar uma marcha para Washington e fazer seu famoso discurso, *I have a dream*. No ano de 1964 ganhou o Prêmio Nobel da Paz por sua atuação.

Outro líder de grande relevância na luta foi Malcolm “X”. Nascido no dia 19 de maio de 1925 com o nome de Malcolm Little, era filho de pastor protestante e aos seis anos de idade viu seu pai ser assassinado pela Ku Klux Klan: tal fatalidade ocorreu devido as ideias defendidas por

seu pai, que pregava que para que a questão da discriminação acabasse os negros deveriam voltar para sua terra natal, a África. Malcolm foi separado de sua família devido aos problemas psiquiátricos de sua mãe, que acabou por encaminhar os filhos para adoção. Passou sua adolescência no Harlem e em certo momento acabou entrando para o crime, ocasionando sua prisão, enquanto realizava assalto a residências. Durante seu tempo na prisão Malcolm acabou por se converter ao islamismo e integrar a seita “Nação do Isla”, que defendia que o “homem branco é o demônio” e que eles seriam uma espécie inferior devido ao surgimento da humanidade ter ocorrido na África, com negros. Seu sobrenome “Little” foi trocado por “X” para negar a herança histórica que seu povo carregava, negar o domínio dos brancos e preencher o espaço que deveria ser ocupado pelo verdadeiro nome de origem africana (PIMENTEL, 1997).

Seguindo suas ideologias Malcolm passou a defender com seus argumentos a total separação entre negros e brancos seguindo raciocínio que seu povo deveria voltar a sua terra natal e suas raízes culturais. A influência de X nos movimentos sociais daquela época foi de bastante relevância culminando na forte adesão do termo “*Black is Beautiful*” e também a formação do Movimento Black Power (SOUZA,2010).

Martin Luther King e Malcolm X possuíam diversas divergências em seus ideais, como por exemplo a ação pacífica e a ação combativa e a separação entre negros e brancos. Segundo Pimentel (1997) o pensamento de X sofreu uma mudança significativa após sua viagem à cidade de Meca, na Arábia Saudita devido sua doutrina religiosa e foi lá que ele passou a acreditar que as raças mesmo com suas diferenças poderiam conviver em paz. A partir disso a luta de ambos os líderes passou a ter pontos em concordância, mas devido suas reivindicações e exposições de ideias ambos os líderes acabaram assassinados, Malcolm no ano de 1965 e Luther King em 1968.

É importante ressaltar que ao mesmo tempo em que a luta pelos direitos civis dos negros acontecia as agitações políticas nos Estados Unidos eram muito grandes. Eram anos de guerra no país, que mandou suas tropas para o Vietnã e como resultado obteve inúmeros cidadãos enviados para a morte e também diversos outros com sequelas da guerra, como por exemplo mutilações e traumas psicológicos. A comunidade negra era muito atingida dentro do próprio país, tinha seus jovens enviados para a Guerra pois serviam como linha de frente e devido a discriminação eminente no país a vida desses negros pouco importava para o Estado. Muitos voltavam viciados em drogas o que contribuía com o crescente tráfico e consumo de drogas nos guetos, também

voltavam com um olhar ruim da sociedade dificultando a conquista por trabalho e aumentando o índice de criminalidade. Foram tempos ruins para a comunidade negra.

Um marco muito importante para a época foi o surgimento do Partido dos Panteras Negras, que teve seu nascimento das ideias de Malcolm X. O partido era sobretudo composto por diversos homens e mulheres negros (as) e defendiam condições básicas de cidadãos para a população negra, buscando a igualdade de direitos e o fim da discriminação do seu povo. Era pautada também o fim da violência policial e o assassinato da comunidade afrodescendente (SOUZA, 2010).

O Partido foi fundado em 1966 na cidade de Oakland, Estado da Califórnia, por Huey Newton e Bobby Seale. Segundo Pimentel (1997) seu programa político era revolucionário, e adotava até mesmo algumas ideias do líder comunista guerrilheiro chinês Mao Tsé-tung. Juntamente dos Panteras os ideais do Black Power ganhavam mais força ainda dentro das comunidades, onde eles apenas desejavam que a própria comunidade negra decidisse seus próprios rumos.

Utilizando de um manifesto conhecido como “O programa dos dez pontos”¹, organizado pelos próprios Panteras Negras, suas ideias e ambições para melhorar a comunidade eram expostas à população. Em dez tópicos expressos no manifesto eram tratados assunto como, liberdade, direitos iguais, educação, paz, emprego, violência, entre outras reivindicações. Seus ideais e suas lutas já causavam repercussão e o número de adeptos ao partido apenas crescia, se tornando uma ameaça para o Estado e para a elite da sociedade que observava seu lugar sendo ameaçado. Foram diversas as melhorias para a população negra na época, como por exemplo as diversas atividades comunitárias que eram realizadas. Ao mesmo tempo que existiam as atuações com a comunidade os conflitos com a polícia se tornavam cada vez mais eminentes. Utilizando de uma brecha na lei americana que permitia o porte de arma a qualquer cidadão os integrantes do partido intimidavam e confrontavam a polícia ao ver a mesma espancando algum negro se aproximando com revólveres e espingardas na cena.

Tamanha agressividade não podia deixar de chamar a atenção. Antes do início da década de 70 a polícia americana já tinha fechado quase todos os escritórios dos Black Panthers à bala. Muitos militantes foram assassinados ou aprisionados. (PIMENTEL, 1997).

¹ O programa de dez pontos, organizado pelos Panteras Negras, se encontra em anexo no final desta monografia.

A estratégia de luta que os *Black Panthers* utilizavam seguia um pensamento de revolução, nesse sentido o Estado iniciava suas medidas de repressão contra o partido através do FBI, utilizando diversos meios para acabar com o Partido de uma vez por todas. O resultado foi a extinção dos Panteras Negras, porém, seus ideais representaram toda uma geração e conseguiram plantar sua semente na sociedade.

1.2 – Manifestações culturais de protesto

O legado deixado pelos Panteras Negras não passou a influenciar apenas as pessoas negras que lutavam por melhores condições de vida, mas também manifestações culturais, como por exemplo a música. Segundo, Hinkel apud Maheire (2007), a música pode ser considerada uma forma de resistência e superação do instituído, entendendo-a como uma questão social, que realiza juntamente com a política um vínculo que questiona os valores sociais as significações dos sujeitos. Nesse sentido, alguns gêneros musicais transmitiam em suas letras a revolta daquele povo e sua ambição por uma sociedade mais justa.

Na década de 1960, o ritmo que surgia era o Soul e seu impacto na sociedade foi grande, sobretudo sobre os negros, abordando temas como o orgulho afrodescendente e a conscientização. Segundo Silva (2011), foi com a movimentação do soul que explodiram algumas músicas que se tornaram verdadeiros hinos de batalha desta geração, como por exemplo com a frase “*Say it loud: I’m black and proud*” (*Diga alto: Sou preto e tenho orgulho disso*) de Steve Biko (famoso líder sul-africano) que ganhou arranjo com James Brown e se tornou conhecida para além das fronteiras dos guetos. Em contrapartida a indústria fonográfica se apossou do Soul transformando-o numa receita comercial fazendo com que o gênero perdesse seu potencial de manifesto, de reivindicação.

É importante ressaltar que, a grande maioria dos ritmos que surgiram na época eram provenientes da cultura africana, que fora introduzida no local através da vinda forçada dos negros, como escravos. A música já era uma forte manifestação cultural na África, na América isso não poderia ser diferente, nesse sentido Souza (2010) afirma que, a música não era apenas uma expressão cultural, mas um choro, um cantar doloroso que refletia a condição na qual vivia o homem negro na América. As músicas e danças serviam para a população negra e escrava na época como forma de diversão, de interação e também como uma forma de revisitar o próprio

passado e a terra natal, criando uma reaproximação, devido a sua cultura ser negada por grande parte da sociedade por ser vista como algo ruim.

Seguindo o sentido sobre as tradições culturais africanas que a cultura negra norte-americana carregava surgia o funk, a partir das mudanças de composições que os músicos do Soul realizavam. O funk possuía uma complexidade maior em seu ritmo, apresentando uma conexão de ritmos, que eram produzidos por instrumentos que se completavam e dialogavam entre si e apresentou uma configuração mais dançante que o Soul. O músico Earl Palmer foi o primeiro a utilizar a expressão “funky”, que em seu sentido literal significa um odor forte, ofensivo, ruim. O novo gênero radicalizou a proposta do Soul, apresentando ritmos agressivos, pesados (SOUZA, 2010). Segundo Silva (2011), como esperado o funk explodiu na América e posteriormente também foi apropriado pela indústria, mas antes transportou aos quatro cantos do mundo uma nova ideologia, uma nova forma de tocar, uma nova forma de se vestir e uma nova forma de dançar.

1.3 – Surgimento do Hip Hop

O clima no final da década de 1970 era intenso. Cresceu o desemprego, aumentou o consumo de drogas, a delinquência juvenil, e a violência urbana, em um ciclo vicioso e contínuo onde as desigualdades são as engrenagens que operam e estruturam a sociedade. (SOUZA, 2010).

O contexto na qual se encontrava a comunidade negra naquela época não era nada favorável, porém a existência das manifestações culturais de reivindicação deixou suas influências que também estariam presentes no início da cultura Hip Hop.

Em meio aos tempos de conflito, os guetos ainda possuíam seus tempos de entretenimento e reafirmação: as chamadas “*block parties*”, festas ao ar livre que ocorriam na época realizadas pelo DJ Kool Herc. Vindo da Jamaica, onde DJs (Disc Jockey) costumavam recitar versos em cima das músicas, Herc realizava festas onde ele utilizava a técnica dos sounds systems e encaixava toda a bagagem que carregava de sua terra natal. Segundo Pimentel (1997) Kool Herc teve de adaptar seu estilo: nas festas de rua que promovia com o equipamento jamaicano, passou a cantar seus versos sobre partes instrumentais das músicas mais populares no Bronx.

No ano 1973, o DJ Herc fez a estreia de um novo estilo onde ele utilizava duas réplicas idênticas de um disco e um mixer, dando o resultado de uma instrumental infinita ao realizar a

mixagem entre os discos. Sua invenção foi nomeada por ele mesmo de *breakbeat*. A invenção de Herc foi muito impactante pelas ruas do Bronx, fazendo com que as *block parties* fossem cada vez mais frequentadas e que novos DJs fossem aderindo ao novo estilo, como por exemplo Afrika Bambaataa e Grandmaster Flash. Devido à sua enorme importância na história do hip hop, Kool Herc foi e é conhecido como o “pai do hip hop” (LEAL, 2007).

Naquele tempo os conflitos entre gangues eram muito eminentes, até mesmo os DJs da época participavam, dentre eles: Afrika Bambaataa, que foi líder de uma famosa gangue de Nova York, a *Black Spade* (Espada Negra). O DJ percebeu que aqueles conflitos existentes estavam destruindo seu próprio povo, seguindo essa linha de pensamento Bambaataa fundou a Universal Zulu Nation, organização que realizaria a união de diversos elementos presentes nas ruas para propagar uma possível paz nos guetos. Percebendo que a dança e a música podem ser muito bem utilizadas para tal fim, o DJ e os membros de sua organização incentivavam que os conflitos entre gangues fossem resolvidos em batalhas de break assim despertando o interesse de várias pessoas pela cultura que estava se formando. Afrika Bambaataa reuniu os quatro elementos que se sobressaiam culturalmente na época: O MC (Mestre de cerimônia), que declamava suas poesias em cima das músicas, o DJ, que trabalhava com os toca-discos, a dança, que era realizada pelos B.Boys (break boys ou B.girls) e o grafite, que eram os desenhos expostos muitas vezes nos muros da cidade. A junção desses elementos foi nomeada pelo próprio Bambaataa de cultura hip hop.

1.4 - Aprofundando nos Elementos da Cultura

Segundo Ferreira (2005), o hip hop engloba três segmentos: o break (dança), o rap (música) e o graffiti (desenho) e quatro elementos (MC, DJ, B boy, Graffiteiro).

1.4.1 – Mestre de Cerimônia, DJ e o Rap

O MC é o responsável pela parte falada nas músicas, é o responsável por animar as festas e declamar suas poesias. A existência do MC veio diretamente da Jamaica, e inicialmente eles eram nomeados de *Toasters*, que rimavam em cima das batidas e utilizavam muitas vezes de gírias que apenas os negros compartilhavam entre si para poder dificultar o entendimento dos Brancos. Segundo Leal (2007), ao contrário do que se imagina, o MC nada tem a ver com o

rapper; sua origem jamaicana precede o surgimento do rap no Bronx. Além disso, o MC cria versos de pronto, enquanto o rapper os elabora antes no papel.

O DJ é a pessoa que possui sua função dominando os toca-discos, diversos tiveram grande importância durante o surgimento da cultura no Bronx. Assim como Kool Herc que inventou o *breakbeat*, outra novidade surgiu no meio, o *scratch*. Quando Theodore Livingston, um adolescente de 13 anos conhecido como DJ Grand Wizard Theodore, mexeu no aparelho do DJ GrandMaster Flash, ele acabou girando o disco ao contrário fazendo surgir um som diferente no toca-discos, surge então o *scratch*, o ato de arranhar os vinis em ritmos diferentes sobre a agulha do aparelho (LEAL, 2007).

O RAP (*Rhythm and Poetry / Ritmo e Poesia*) não é nada mais que a junção de dois elementos da cultura hip hop, o MC e o DJ que trabalhando em harmonia produziam os raps. As letras carregavam as heranças deixadas por um passado muito difícil e transmitiam as ambições por uma sociedade mais justa.

1.4.2 – A dança e o B.Boy(B.Girl)

A dança teve papel fundamental durante o surgimento do Hip-Hop. Nos anos 1970 as gangues, ao trocar seus confrontos físicos por competições de break, deixaram claro que a união estava se tornando um grande fruto do hip hop. Algumas performances mostravam até cunho político, como por exemplo a imitação aos helicópteros ao girar as pernas no ar, fazendo alusão à Guerra do Vietnã.

Durante as *block parties*, muitos jovens competiam entre si através da dança utilizando de passos provenientes do soul, funk etc. Através da junção de diversos estilos surge o *break*. Nesse sentido os meninos que dançavam o novo estilo eram chamados de Break Boys, B. boys, e as meninas de B. Girls.

1.4.3 – O graffiti

O graffiti surgiu com os jovens descendentes hispânicos nos guetos de Nova York. Inicialmente os grafiteiros, como eram chamados, escreviam suas tags (nomes/assinaturas) em prédios, muros e afins para demarcar o território de suas gangues ou o seu próprio. Segundo Pimentel (1997), foi com “Phase 2” que as pichações começaram a se tornar de fato o graffiti, pois ele revolucionou o meio ao criar painéis onde eram transmitidas mensagens positivas.

A partir disso, diversos jovens perceberam que seus pensamentos poderiam ser expostos nos muros, fazendo assim com que o graffiti ganhasse também seu cunho político, quando jovens começavam a expor suas insatisfações como a desigualdade social, dentre outras questões.

CAPÍTULO II

O Hip Hop no Brasil

2.1 - Raízes Brasileiras

O Brasil é um país que em seu processo histórico carregou consigo diversas culturas que se divergiam e que ao passar dos tempos foram deixando suas heranças. A invasão dos europeus, a vinda dos escravos e imigrantes contribuiu para uma pluralidade cultural que é existente em poucos lugares no mundo. Isso não poderia ser diferente ao falar da cultura hip hop e mais precisamente do rap, que se assemelha e herda diferentes práticas culturais. Uma das principais heranças que foram deixadas foi a africana, ao falar do rap, a principal herança deixada foram as dos *griots*. Segundo Souza (2010), os *griots* são os contadores de história do presente e do passado no continente africano, são pessoas sábias que exercem sua função transmitindo a tradição de seu povo, os ensinamentos e a memória através de suas narrativas. O encantamento por parte desses guardiões da cultura segue toda uma geração, através de poesias, contos e músicas. Elementos da tradição da oralidade podem ser encontrados no jazz, no blues, no samba, nos repentistas nordestinos e no rap.

Ao se aprofundar nas raízes do rap no Brasil, pode-se observar uma ligação com o repente e a embolada, ambos nordestinos, pelo fato de se basear na palavra e na exacerbação sonora. O mesmo jogo de rimas improvisadas utilizado pelos repentistas também está presente nos Raps, nota-se isso quando MCs realizam desafios de rimar em cima da batida proposta pelo DJ aproveitando de elementos em sua volta, dos participantes e da plateia. O ato realizado pelos MCs é chamado de Free Style e carrega a herança nordestina de cantar e rimar seguindo o som dos instrumentos tocados (FERREIRA, 2005). É importante ressaltar que o rap também possui sua brasilidade e não é algo puramente estrangeiro, ou seja, antes mesmo de se pensar na existência do movimento hip hop certas ancestralidades falam mais alto comparado ao presente, mostrando que a cultura passada de geração em geração influencia os mais diversos assuntos dentro da sociedade. Segundo Ferreira (2005), há uma relação entre as manifestações culturais, de reciprocidade e no caso do rap e do repente o que ocorreu foi o fortalecimento das mesmas expressões.

2.2 - A cultura Hip Hop dá as caras no Brasil

2.2.1 - São Paulo

A cidade de São Paulo foi uma das protagonistas durante o surgimento da cultura Hip Hop pelo fato de ser uma capital das quais os meios de comunicação se centralizavam mais, desse modo manifestações culturais como o soul e o funk chegavam primeiro nessas cidades com os maiores polos comunicativos.

Vivia-se o período da ditadura militar, mesmo assim, chegavam algumas informações sobre o movimento negro norte americano, de luta pelos direitos civis e de afirmação de identidade. As informações, contudo, chegavam de forma fragmentada, por diversos canais, como jornais, revistas, indústria fonográfica e mesmo por algumas pessoas que viajavam aos Estados Unidos e lá tinham contato diretamente com a efervescência cultural e política daqueles que, desde os anos de 1960, definiam-se não mais como negros, mas como afros americanos. (NETO, 2013)

Um protagonista surgia no Brasil naquele tempo que possuía envolvimento com o soul, seu nome era Nelson Triunfo. Nordestino do Estado de Pernambuco e dançarino de maracatu, Nelson passou a ter envolvimento com o soul a partir dos seus 15 anos e foi para a cidade de São Paulo afim de poder interagir com os adeptos do gênero na época. Triunfo manteve envolvimento com o soul, conhecendo as diversas equipes que promovem o gênero e partir disso ele organizou e integrou diversas equipes que espalharam a cultura pelo país. Contudo, o soul obteve um declínio nas paradas musicais com o estouro que surgia com a discoteca, porém um novo estilo de dança vindo diretamente das ruas do Bronx chega em São Paulo, o *break dance*. Nesse Sentido, Nelson Triunfo integra o *break* em seu repertório e passa a difundi-lo nas ruas e no país com sua equipe (LEAL, 2007).

A partir da difusão do *break*, o movimento hip hop começava a tomar forma e foi na Estação São Bento do metrô que os B.boys e todas as pessoas que simpatizavam com o movimento se encontravam pra usufruir da cultura. Nem sempre os encontros aconteciam, pois, a polícia impedia as pessoas diversas vezes de ocupar os locais.

Segundo Leal (2007), além da dança o grafite se desenvolve também no local e as primeiras rimas de rap surgem através de Thaíde, JR Blow e Marrom.

O surgimento dos Mcs e rappers na São Bento com o passar do tempo causou uma separação no local, que ficou conhecido como lugar de b. boys, foi aí que muitos mudaram sua localização para a Praça Roosevelt. Pimentel (1997) afirma que os primeiros rappers cantavam na rua ao som de beatbox, latas, palmas e que chamavam o rap de "tagarela" por conta da fala rápida que era executada e por conta da falta de conhecimento.

A cultura Hip Hop seguiu amadurecendo e então os primeiros discos de rap nacional iam surgindo nas paradas musicais, grupos se formaram e então um sentimento de união passou a existir no hip hop, pelo fato de ser uma cultura discriminada pela polícia e pelas pessoas também que ainda eram ligadas com o funk e com o soul. Porém a cultura obteve também um forte apoio, da prefeitura que era do Partido dos Trabalhadores na época, a partir de iniciativas que utilizavam o hip hop como instrumento de educação nas escolas (SOUZA, 2010).

No ano de 1989 ocorreu a fundação do Movimento Hip Hop Organizado que buscava espalhar a cultura pelas praças e outros locais da cidade. Naquele tempo o rap cada vez mais arrumava espaço e seguia se consolidando principalmente para a população periférica, "sendo definitivamente escolhido pela juventude negra (claro, a maioria da população pobre) como representante de suas ideias" (PIMENTEL, 1997).

Posteriormente, surgimento de grupos como por exemplo o Racionais Mc's, contribuíram para que o rap de cunho político e reivindicatório fosse cada vez mais observado pela mídia, e também abraçado pelo público. Com o estouro do grupo após o lançamento do álbum Sobrevivendo no Inferno (1998) propostas de contestação social foram aderidas por diversos grupos que conseguiam difundir suas ideias sem qualquer apoio de rádio, emissoras de televisão etc (SOUZA, 2010). O rap então obteve seu firmamento na cidade de São Paulo, sendo muito valorizado até os dias de hoje.

2.2.1 - Rio de Janeiro

Assim como São Paulo, o Rio de Janeiro era um dos polos onde os meios de comunicação mais chegavam, ritmos como o soul, o funk, fizeram com que os bailes se tornassem cada vez mais frequentados, se tornando bastante famosos, conhecidos como bailes *black*. O rap não ficava de fora, pois, os primeiros raps já haviam chegado juntamente com o break, que passou a ser utilizado pela juventude da época.

Os bailes soul na cidade do Rio eram muito frequentados chegando a mais de 15 mil pagantes e foi com os Bailes da Pesada promovidos por Big Boy e Ademir Lemos que a *black music* ficou muito em alta na cidade. Segundo Herschmann (2000), os bailes eram realizados no Canecão e depois foram transferidos para diferentes clubes da Zona Norte carioca. As equipes passaram a investir na compra de equipamentos, importados em sua grande maioria, com isso passaram a empilhar enormes caixas de som formando muralhas que passaram a ser marca registrada desses Bailes. Uma nova fase foi inaugurada com os ritmos *funky* na cidade, que ficou conhecida como "Black Rio". Os artistas nessa onda procuravam permanecer nesses gêneros por serem músicas mais dançantes, fazendo com que os bailes se distanciassem cada vez mais de um possível formato didático e militante.

Com o tempo, os bailes foram se modificando e o soul, o afro já não eram tão tocados e procurados pelo público, enquanto o funk cada vez mais evoluía na cidade e se firmava na cultura urbana carioca, fato que corroborava para um distanciamento da cultura hip hop. Para Hershmann (2000), as letras da música negra norte-americana, que fazem referência às políticas raciais e culturais, não eram por eles compreendidas. Nesse sentido observa-se que os funkeiros, produziam uma certa apropriação não só da dança, mas da linguagem também, deixando claro que o público do funk não se importava muito com a letra e com a mensagem da música, e sim que a música era divertida e dançante.

Enquanto no Rio o conteúdo, o ritmo, se traduziu num clima e em uma música mais dançante, alegre e não necessariamente politizada, em São Paulo, e dentro de alguns círculos, o hip-hop foi se afirmando como importante discurso político que tem revitalizado parte das reivindicações do movimento negro. (HERSCHMANN, 2000)

As divergências no caminho seguido pelo funk carioca e pelo rap em São Paulo causaram uma tensão na cultura, pois a postura bem-humorada, alegre, voltada para a diversão, do funk causava um certo estranhamento para os outros grupos do movimento. O que as pessoas que ficaram contra o funk não enxergaram é que não necessariamente ele é apolítico por ser produzido de forma mais descontraída (HERSSHMANN, 2000).

No Rio de Janeiro o público não ligava muito para essas questões, só queria saber de ir para o baile e se divertir. Com o surgimento do *Miami Bass* o funk carioca apenas subiu nas paradas musicais, pois o estilo abria um leque de possibilidades para os Djs cariocas. DJ Marlboro teve papel importante no processo ao produzir o disco *Funk Brasil n° 1*, com músicas cantadas em português, contribuindo para a nacionalização do estilo e consolidando o funk carioca nas paradas musicais.

O rap não foi totalmente esquecido no Rio de Janeiro, nomes como Gabriel O pensador, MV Bill e Planet Hemp tiveram suas contribuições na trilha que o rap carioca seguia. Surgiu a ATCON (Associação Hip-Hop – Atitude Consciente) que trouxe um conceito para o rap carioca, um rap mais progressista, que não era tão combativo quanto o de São Paulo, mas que ainda tinha um certo cunho político. A Associação diferente de muitas outras no Brasil, possui característica 100% baseada no elemento rap (LEAL, 2007).

Ainda falando sobre o funk carioca e o rap, é importante ressaltar que ambos seguem um caminho diferente mas possuem um mesmo ponto de partida, o funk mesmo sendo um estilo menos politizado ainda representa a população negra, periférica, pois são esses os seus principais apreciadores. Segundo Leal (2007), os funkeiros são pretos e pobres que sofrem das mesmas injustiças sociais que os integrantes do hip hop, porém não ocorre a busca pela informação, o que corrobora para que eles sejam facilmente manipulados pelos empresários e pela indústria.

CAPÍTULO III

O Rap e a formação do sujeito crítico

3.1 - Diferentes formas de fazer rap

O rap é um gênero musical que é bastante plural. Diversos estilos diferentes surgiam com o passar dos anos nos Estados Unidos e no Brasil também podemos observar os estilismos que o gênero carrega. A questão principal é que nem todos os modos seguem a linha da contestação que o movimento hip hop prega em seus ideais, desse modo o rap pode funcionar tanto de modo positivo para a comunidade, quanto de modo negativo. Independente de como o rap está sendo usado ele sempre será político, a diferença se mostra no modo que ele atingirá as pessoas com seus temas e letras, neste caso a diferença se dá por um tipo ser um rap político de protesto e o outro ser um rap político alienante, o *gangsta rap*.

No caso do rap de protesto, percebe-se que seu objetivo principal é a luta contra discriminação, a busca por melhores condições de vida do povo preto. Nesse sentido as letras são puramente trabalhadas de modo que seja causada uma identificação por parte do ouvinte sobre aquela realidade que é exposto na música. As mensagens passadas nas músicas expõem os diversos problemas enfrentados pela população periférica que de maneira geral é muito desinformada sobre os assuntos, pois não possuem o incentivo pela busca de informações, fato que o rap de protesto combate. A ambição por melhores condições de vida é compartilhada por praticamente todas as pessoas de periferia e é o rap que em muitos dos casos mostra isso em suas letras e sugere um caminho para chegar a tal ambição, caminho esse que é trilhado também por aqueles adeptos as mensagens passadas pelo rap. Além disso tudo, o gênero ainda desperta diversas pessoas que abraçam a causa do movimento hip hop e passa a contribuir da mesma forma que os autores dos chamados raps políticos de protesto.

Em contrapartida, outros estilos de rap acabam por causar consequências não tão boas para a sociedade de modo geral, como é o caso do chamado *gangsta rap*, estilo que surgiu nos Estados Unidos e possui alguns adeptos no Brasil. É importante ressaltar que a forma com que o estilo é reproduzido possui diferenças de acordo com as condições socioeconômicas do local, ou seja, é impossível dizer que a periferia estadunidense e a

brasileira são iguais, fato que implica na forma com que o *gangsta rap* é produzido. Diversos temas são abordados e dentre eles estão a vida no crime, o tráfico e o consumo de drogas, além disso pode-se perceber ainda nas letras um "caráter homofóbico, machista e sexista" (LEAL, 2007). Ao expor as músicas com esses temas os músicos do *gangsta rap* influenciam a população ouvinte, em sua maioria periférica, de um modo não muito positivo, pois a desinformação dessas pessoas torna as mesmas muito influenciáveis, fazendo com que muitos passem a admirar e realizar diversos atos que eram presentes nas letras, como por exemplo a utilização de drogas.

Um ponto importante na discussão é entender o porquê do *gangsta rap* mesmo carregando diversos traços negativos ainda fazer sucesso nas paradas musicais enquanto o rap político é deixado de lado. A lógica do capital se aplica bastante nesse caso, pois para a indústria não é interessante uma população que reivindica e se manifesta e sim pessoas que ao ver os clipes e escutar as músicas vão querer usufruir das mesmas coisas que são expostas pelo rapper. O *gangsta rap* é utilizado em sua maioria como estratégia de marketing, de modo que a indústria saia ganhando lucro em cima do músico e da população ouvinte.

Para trabalhar com o Rap é necessário expor que nem todos os raps seguem a ideologia que é proposta pela cultura hip hop. Portanto, a importância de reconhecer os lados positivos e negativos se mostra bastante presente, pois é através dela que o rap poderá ser usado da melhor forma para com a sociedade, principalmente com os negros periféricos.

3.2 – Juventude Hip Hop

Entender a relação entre a juventude e o movimento hip hop colabora para a compreensão do rap e o engajamento que ele fornece para a produção de pessoas com o pensamento crítico. Os jovens durante o processo de criação do movimento estiveram presentes e desempenhavam um papel fundamental, entender a cultura, sua ideologia e difundir a mesma para as comunidades. De certa forma, até os dias de hoje o mesmo processo é realizado, a juventude periférica tende a cada vez mais se interessar pelo rap e

pela cultura hip hop, de modo que a cultura possibilite todo um processo de aprendizado para o próprio jovem e também para aqueles em sua volta.

O hip hop ao abordar temas como exclusão social, racismo, marginalização e apresentar propostas políticas coloca grande parte da juventude numa situação de identificação, ao observar que a própria vivência estava sendo contestada e trabalhada para uma melhora das condições de vida, além de que a própria experiência de vida pudesse ser usada dentro do movimento para passar os ensinamentos aos próximos.

As mobilizações e os agrupamentos juvenis refletem as condições de discriminação social e racial que estruturam a vida nas favelas e comunidades. Através do hip-hop a juventude apresenta indagações variadas, reflete ideologias distintas e transmite um chamado coletivo para uma luta por uma transformação social. (SOUZA, 2010)

As atividades realizadas pelo movimento hip hop atingem o espaço urbano de modo geral e contribuem para a construção da identidade do jovem e sua formação como cidadão, além atribuir um caráter de resistência a juventude, que é muito atingida por diversos setores da sociedade pelo fato de enxergarem os jovens como facilmente manipulados, devido à argumentos como “falta de experiência”, “imaturidade”, entre outros. A busca por conhecimento não é algo muito reforçado para grande parte da população periférica, as condições de vidas a que eles estão submetidos são tratadas como se a posição deles fosse àquela e não há nada que possa ser feito para mudar isso. Dessa maneira, a juventude hip hop segue atuando na periferia e na sociedade de modo geral mostrando que há muito o que ser feito.

O papel do jovem dentro da cultura hip hop se mostra cada vez mais importante para o ela e para si mesmo, pois ao adentrar os temas tratados pelo movimento um certo amadurecimento pode ser visualizado nesses jovens, que passam a desempenhar papéis que por outros são considerados de adultos. Segundo Magro (2002), os espaços criados pelos próprios jovens através do hip hop, colaboram para a construção de uma nova visão sobre eles, que não mais os desqualifica como sujeitos atuantes por apenas serem jovens, e sim os coloca como protagonistas de diversas ações que contribuam para soluções dos problemas de nossa sociedade ou para transformação da ordem social.

Nessa perspectiva, os adolescentes participantes do movimento Hip Hop transgridem quando tomam as rédeas de seu próprio processo educativo, fazendo-o contextualizado com suas vidas, sua história, suas experiências, suas necessidades e, também, com seus sonhos, projetos e desejos. Assim, estes adolescentes deixam de ser meros atores e agentes de um modelo social que os exclui e discrimina, e os idealiza, os teme e os controla; e se tornam também autores de si próprios. (MAGRO, 2002)

A cultura hip hop e a juventude possuem um laço muito forte e ambas tendem a evoluir cada vez mais que participarem juntas da construção de um novo imaginário para a periferia. O movimento sem a participação do jovem, seja como foco ou atuante, não conseguiria toda a expressão que tem hoje, por isso é essencial que ele integre todos os âmbitos da cultura.

3.3 – Atuação do Rap no pensamento

Para compreender o impacto que o rap causa na sociedade de um modo geral e principalmente na periferia é importante se prender ao fato dos estilos diferentes, no caso desse estudo é utilizado o rap político, de protesto, que segue a linha ideológica que é proposta pelo movimento hip hop, de combate ao racismo e a busca por uma sociedade mais justa e mais igualitária. Segundo Menezes e Costa (2013), as insatisfações com o cotidiano se concretizam em demandas de caráter simbólico e instrumental, pela melhoria das condições de existência.

Dentro dos elementos da cultura hip hop, pode-se entender o rap como o mais difundido, fator que pode ser atrelado a vários motivos como por exemplo o fato de ser uma linguagem falada, de maior entendimento, que colabora para que a periferia possa ter maior compreensão de suas letras já que o próprio foco dos rap's, e também por ser música, que chama atenção de empresários e da indústria. É importante salientar que o rap também tem grande potencial na indústria, e que o capital pode se apropriar dele nesse processo, pois ele pode ser usado como bem entender para transmitir certos ideais, realizar marketing para produtos e incentivar o consumo dos ouvintes, através da ostentação exposta em certas músicas. Nesse sentido, o rap se tornaria um produto do mercado perdendo seu potencial de mensagem e seu foco.

Mesmo o rap podendo ser foco da indústria e sendo frequentemente buscado para isso, ele pode combatê-la através das letras escritas e das atividades coletivas proporcionadas pelo movimento hip hop. A música pode ter esse caráter combativo e não só contra a indústria, mas contra o próprio Estado, contra a condição na qual são colocados os moradores da periferia e além disso tem ajudado os próprios moradores e diversos indivíduos na sociedade atuando no amadurecimento dos pensamentos dos próprios, os levando a questionar, ouvir, se manifestar, sendo proveitoso para o próprio ambiente no qual estão inseridos.

Pode-se dizer que o rap veicula a construção de uma consciência política. São letras que representam uma população estigmatizada, sem voz, periférica e sua prática gera a necessidade de uma consciência social acerca de diversas perspectivas, como por exemplo gênero, raça/etnia. Portanto a música também informa e circula o discurso de uma identidade racial proveniente da diáspora africana, levando assim aspectos de reconstrução, positividade, orgulho dos negros e dos excluídos. A questão do gênero se atrela a misoginia presente na sociedade e corrobora com demandas contrárias ao racismo e sexismo. (TAVARES, 2010)

Segundo Ventura (2009), “o rap, por sua vez, torna público o relato sobre o cotidiano na favela, que se encontra exposto a violência da polícia e do tráfico.”. Portanto, o *rapper* ao expor sua vivência em suas letras realiza a passagem de informação para o ouvinte que tende a absorver o que é dito e refletir as informações consigo para de alguma forma entender qual o propósito que a música tem no momento. Além disso o rap influencia não só na passagem, mas também a busca por informação, e isso pode ser observado tanto nos jovens que escutam o rap, quanto nos próprios *rappers* que buscam sempre estarem atualizados sobre os assuntos para assim levar nas letras. A busca por conhecimento se mostra algo muito proveitoso para a periferia, que é bastante marginalizada e excluída, pois realiza diversas reflexões dos próprios moradores que consomem o rap pois passam a buscar o conhecimento para entender as mensagens, isso não se limita apenas nesse entendimento, por que as informações são usufruídas para a vida, para o amadurecimento do pensamento e para a busca por soluções.

Todas essas informações e todo o conhecimento de mundo que é exposto através do rap pode ser relacionado ao quinto elemento da Cultura Hip Hop que se mantem

presente em diversas letras e ações realizadas por integrantes do movimento. Segundo Menezes e Costa (2013), a capacidade de desenvolver leituras críticas da realidade torna-se possível a partir da prática do quinto elemento – o conhecimento -, que norteia ético-politicamente o movimento, mediante os valores e princípios. O quinto elemento é o principal quando se trata da questão do aprendizado, do amadurecimento das ideias, e da formação do pensamento crítico, pois é ele que coloca o ouvinte ciente daquilo que acontece em volta e lhe dá um caminho a seguir para diminuir todos os problemas que cercam ele próprio e a periferia de modo geral.

O rap é um elemento que pode ser tratado também no âmbito da educação, principalmente quando se trata da elaboração do pensamento crítico na sociedade, devido ao seu potencial de fazer as pessoas enxergarem o local que estão ocupando e contestarem essa posição, ir contra a desigualdade social, contra o racismo e toda forma de opressão que atinge a periferia. Magro (2002), trata o rap como um meio de educação informal (diferente dá que se costuma ver nos colégios, com conteúdo etc.) e afirma que “o Rap se constitui como um processo espontâneo, carregado de valores e representações, de transmissão de informações que suscitam a formação de uma consciência mais crítica de seus ouvintes. ”.

Além das letras, o rap também pode ser difundido em ações coletivas, que reúnem as pessoas para que as mensagens sejam transmitidas a elas, como por exemplo pode-se citar os Saraus que acontecem em diversos locais, as famosas Batalhas de Rima, lugares onde os MC's disputam competições com suas rimas, e até mesmo em colégios como explicita esta autora:

A força pedagógica do *Rap*, e do movimento *Hip Hop* como um todo, também pode ser evidenciada pela parceria de *rappers* com escolas públicas, tal como exercido pelo projeto “Rap...ensando a Educação”, desenvolvido pela administração pública popular da prefeitura de São Paulo, no início dos anos 90. (MAGRO, 2002)

A educação e a formação do pensamento crítico estão bastante relacionadas com o Rap quando se trata da ideologia do movimento Hip Hop. Tratar de assuntos que não recebem a devida importância se mostra cada vez mais importante nas periferias, pois é

dessa forma que o indivíduo estará ciente de todos os problemas que lhe cercam e irá buscar uma forma de combatê-los. Pensar que o Rap age dessa forma com uma geração toda e com grande parte da periferia, é extremamente positivo para a sociedade, por que o que a educação convencional não ensina para as crianças, jovens e até adultos, o rap pode ensinar e lhes dar o conhecimento de mundo necessário para um amadurecimento do pensamento.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa mostrou o contexto histórico que antecede e influencia o movimento hip hop e em que circunstâncias ele surgiu nos Estados Unidos, também mostrou como a cultura chegou ao Brasil e seu processo de afirmação. Além do caminho traçado pelo movimento, a forma com a qual ele atinge a sociedade e as mudanças que pode realizar também estão presentes no estudo, de forma que o leitor adquira um entendimento sobre o que é a cultura Hip Hop, seus impactos e sua atuação, focando em um dos elementos: o rap.

Compreender a forma de atuação do rap nesse estudo se mostra necessário para que a relação entre ele e a formação do pensamento crítico nas pessoas seja encontrada. Nesse sentido, a música foi reconhecida como forma de expor os problemas que percorrem as periferias e também por ter o poder de combatê-los e trilhar um caminho para a solução. Segundo Sposito (1993), “a linguagem expressiva que constitui a música RAP recobre a denúncia da dominação entre as raças, da exclusão social e da marginalização dos jovens; combina, em síntese, a condição de ser negro, jovem e excluído. ”. Portanto, o rap desencadeia um papel fundamental no amadurecimento das ideias dos indivíduos, nenhum outro veículo traz à tona as denúncias feitas nas letras, fato esse que tem que ser mudado na sociedade, pois a população periférica tem o direito ao conhecimento e isso não deve ser passado apenas pelo rap.

Entende-se também que a educação e o movimento hip hop podem construir relações conjuntas que podem ser muito proveitosas para a formação dos indivíduos. As escolas devem abrir espaço para a cultura, apresentando-a e contextualizando-a para o entendimento dos alunos, pois assim tanto o rap quanto o hip hop contribuiriam para que a formação nos colégios fosse a de cidadãos.

A interação das instituições públicas com o mundo vivido pelos seus usuários abre um espaço para os rappers atuarem em nível da educação não-formal em um espaço formal. Interagindo desse modo, eles trazem para dentro da escola o debate sobre questões pertinentes à realidade social e cultural que as crianças e adolescentes vivem, criando uma interlocução que estabelece uma alternativa de informação e de conduta aos alunos, promotora de uma visão mais crítica do mundo que os rodeia. (MAGRO, 2002)

Conclui-se então que a formação de sujeitos críticos através do rap é possível de compreensão e diversos MC's estão hoje em dia provando isso cada vez mais, defendendo a periferia de onde vieram, e enfrentando todos os problemas sociais na qual ele e seus próximos estão inseridos. Mostra-se importante ressaltar que o rap pode até possuir seu potencial como ferramenta pedagógica sozinho, porém existem diferentes formas de aplicação, seja nas escolas, nas ações coletivas ou nas ruas mesmo. O potencial do rap é gigante, e se trabalhado e difundido da forma correta nos espaços corretos, a consequência será muito positiva, pois diversos pensadores poderão seguir na luta por uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, Danielle de Araújo; DOURADO, Débora Coutinho Paschoal; AMORIM, Mariana Fernandes da Cunha Loureiro. **Possibilidades de dar sentido ao trabalho além do difundido pela lógica do Mainstream: um estudo com indivíduos que atuam no âmbito do movimento Hip Hop.** *Organ. Soc.*, Salvador, v. 20, n. 67, p. 717-731, Dec. 2013.

COSTA, Mônica Rodrigues; MENEZES, Jaileila Araújo; (2013). **Posicionamentos e controvérsias no movimento hip-hop.** *Estudos de Psicologia*, abril-junho, 389-396.

FERREIRA, Tania Maria Ximenes. **Hip Hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas.** 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de educação.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

HINKEL, J.; MAHEIRIE, K. **“RAP – Rimas afetivas da periferia: reflexões na perspectiva sócio-histórica”.** *Psicologia & Sociedade*; 19, Edição Especial 2: 90-99, 2007

KEHL, Maria Rita. **Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo.** *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-106, Sept. 1999.

LEAL, Sergio. **Acorda Hip-hop: despertando um movimento em transformação.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **ADOLESCENTES COMO AUTORES DE SI PRÓPRIOS: COTIDIANO, EDUCAÇÃO E O HIP HOP.** *Cad. Cedes*, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63-75 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

NETO, Nécio Turra. **MOVIMENTO HIP-HOP DO MUNDO AO LUGAR: DIFUSÃO E TERRITORIALIZAÇÃO.** www.ufjf.br/revistageografia - número especial. v.1, p.1-11, 2013

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Música e política: percepções da vida social brasileira no rap.** 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado) -Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

PIMENTEL, Spency. **O livro vermelho do hip-hop.** 1997.

SILVA, Tais Almeida da. **IDENTIDADE DO HIP-HOP CARIOCA.** 2011.

SILVA, Rodrigo Lages e SILVA, Rosane Neves da. **Paradigma preventivo e lógica identitária nas abordagens sobre o Hip Hop.** *Fractal, Rev. Psicol.* 2008, vol.20, n.1, pp.135-148.

SILVA, Vinícius Gonçalves Bento da; SOARES, Cássia Baldini. **As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia**. Ciênc. Saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 975-985, Dec. 2004.

SOUZA, Flávia Monteiro de Castro; Salvador, Andréia Clapp. **Juventude e Movimento Hip-Hop: a construção de identidade, luta por direitos e cidadania**. Rio de Janeiro, 2010. 133p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993 (editado em nov. 1994).

TAKEUTI, Norma Missae. **Refazendo a margem pela arte e política**. Nômadias, Bogotá, n. 32, p. 13-25, Apr. 2010.

TAVARES, Breitner. **Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal**. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

VENTURA, Tereza. **Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo**. Anál. Social, Lisboa, n. 192, p. 605-634, set. 2009.

WACQUANT, Loïc J.D. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008. Tradução de Paulo Cezar Castanheira.

Vídeos

Documentário “Rubble Kings”. Shan Nicholson. 2010. 71 min.

Documentário “Nos tempos da São Bento”. Guilherme Botelho. 2010. 90 min.

Documentário “De repente: Poetas de Rua”. Arthur Moura. 2009. 77 min.

Documentário “O Rap pelo Rap”. Pedro Fávero. 2015. 75 min.

ANEXO

10 PONTOS DO PROGRAMA DO PARTIDO PANTERA NEGRA

O que nós queremos.

O que nós acreditamos.

1- Queremos liberdade. Queremos o poder para determinar o destino de nossa Comunidade Negra.

Nós acreditamos que o povo preto não será livre até que nós sejamos capazes de determinar nosso destino.

2- Queremos emprego para nosso povo.

Nós acreditamos que o governo federal é responsável e obrigado a dar a cada homem emprego e renda garantida. Nós acreditamos que se o homem de negócios americano branco não nos dá emprego, então os meios de produção devem ser tomados dos homens de negócios e ser colocados na comunidade de modo que o povo da comunidade possa organizar e empregar todas as pessoas e dar-lhes um padrão elevado de vida.

3- Precisamos acabar com a exploração do homem branco na Comunidade Negra.

Nós acreditamos que este governo racista tem nos explorado e agora nós estamos demandando a quitação do débito de quarenta acres de terra e duas mulas. Quarenta acres e duas mulas foram prometidos 100 anos atrás em restituição pelo trabalho escravo e assassinato em massa do povo preto. Nós aceitaremos o pagamento em moeda corrente, que será distribuída às nossas muitas comunidades. Os Alemães estão agora reparando os Judeus em Israel pelo genocídio do povo Judeu. Os Alemães assassinaram seis milhões de Judeus. O Racista Americano tomou parte no massacre de mais de vinte milhões de pessoas pretas; conseqüentemente, nós sentimos que esta é uma demanda modesta que nós fazemos.

4- Nós queremos moradia, queremos um teto que seja adequado para abrigar seres humanos.

Nós acreditamos que se os senhores de terra brancos não dão moradia descente para a nossa comunidade negra, então a moradia e a terra devem ser transformadas em cooperativas de maneira que nossa comunidade, com auxílio governamental, possa construir e fazer casas descentes para as pessoas.

5- Nós queremos uma educação para nosso povo que exponha a verdadeira natureza da decadente sociedade Americana. Queremos uma educação que nos mostre a verdadeira história e a nossa importância e papel na atual sociedade americana.

Nós acreditamos em um sistema educacional que dê a nossos povos um conhecimento de si mesmo. Se um homem não tiver o conhecimento de si mesmo e de sua posição na sociedade e no mundo, então tem pouca possibilidade relacionar-se com qualquer outra coisa.

6. Nós queremos que todos os homens negros sejam isentos do serviço militar.

Nós acreditamos que o povo preto não deve ser forçado a lutar no serviço militar para defender um governo racista que não nos protege. Nós não lutaremos e mataremos os povos de cor no mundo que, como o povo preto, estão sendo vitimizados pelo governo racista branco da América. Nós nos protegeremos da força e da violência da polícia racista e das forças armadas racista, por

todos os meios necessários.

7. Nós queremos o fim imediato da brutalidade policial e assassinato do povo preto.

Nós acreditamos que nós podemos terminar a brutalidade da polícia em nossa comunidade preta organizando grupos pretos de autodefesa que são dedicados a defender nossa comunidade preta da opressão e da brutalidade racista da polícia. A segunda emenda da Constituição dos Estados Unidos dá o direito de portar armas. Nós acreditamos conseqüentemente que todo o povo preto deve se armar para a autodefesa.

8. Nós queremos a liberdade para todos os homens pretos mantidos em prisões e cadeias federais, estaduais e municipais.

Nós acreditamos que todas as pessoas pretas devem ser liberadas das muitas cadeias e prisões porque não receberam um julgamento justo e imparcial.

9. Nós queremos que todas as pessoas pretas quando trazidos a julgamento sejam julgadas na corte por um júri de pares do seu grupo ou por pessoas de suas comunidades pretas, como definido pela Constituição dos Estados Unidos.

Nós acreditamos que as cortes devem seguir a Constituição dos Estados Unidos de modo que as

peessoas pretas recebam julgamentos justos. A 14ª emenda da Constituição dos ESTADOS UNIDOS dá a um homem o direito de ser julgado por pares de seu grupo. Um par é uma pessoa com um acumulo econômico, social, religioso, geográfico, ambiental, histórico e racial similar. Para fazer isto a corte será forçada a selecionar um júri da comunidade preta de que o réu preto veio. Nós fomos, e estamos sendo julgados por júris todo-brancos que não têm nenhuma compreensão "do raciocínio do homem médio" da comunidade preta.

10. Nós queremos terra, pão, moradia, educação, roupas, justiça e paz. E como nosso objetivo político principal, um plebiscito supervisionado pelas Nações-Unidas a ser realizado em toda a colônia preta no qual só serão permitidos aos pretos, vítimas do projeto colonial, participar, com a finalidade de determinar a vontade do povo preto a respeito de seu destino nacional.

Disponível em : <<http://consciencierevolucionaria-kassan.blogspot.com/2009/06/10-pontos-da-plataforma-e-programa-dos.html>>.